

O giro epistêmico da psicanálise de base lacaniana: estilo científico entre o erro fundamental e o impossível¹

Marcos Paulo Lopes Pessoa²
Maria de Lourdes Soares Ornellas³
Leandro de Lajonquière⁴

A pesquisa aqui apresentada objetiva investigar os lugares que ocupam o erro fundamental e o impossível no projeto científico anunciado por Sigmund Freud, retomado e ampliado por Jacques Lacan. Tem-se, pois, um trabalho de cunho epistemológico, que parte da crítica feita por Jacques Lacan à metalinguagem científica moderna, no que se refere principalmente à promessa de apreensão totalitária do real a partir do simbólico. Tal ilusão tem como base a tentativa de identificação do real com a linguagem acreditando que essa poderia dar conta de produzir uma leitura simétrica do real. Trata-se de numa investigação teórico-conceitual que se localiza entre a psicanálise e a epistemologia com vistas a pensar o lugar do impossível e do erro fundamental no estilo epistêmico freudo-lacaniano como efeito do (re)encontro da ciência com o real.

A invenção freudiana também dialoga com o contexto epistêmico europeu de sua época a partir de um lugar próprio. Ao posicionar-se como borda, e assumindo uma postura que caminha pelo avesso em relação à ciência moderna, a psicanálise, desde a origem, ao mesmo tempo que aponta para os limites da objetividade e da racionalidade, anuncia um novo saber sobre a ciência e sobre o conhecimento científico.

¹ GT4: 4: Perspectivas epistemológicas, vivências e outras racionalidades: implicações e desafios para o fazer científico contemporâneo

² Mestre e doutorando da Universidade do Estado da Bahia em cotutela com a Universidade Paris 8 e professor da Faculdade Montessoriano – profmarcospessoa@gmail.com

³ Doutora e professora da Universidade do Estado da Bahia - ornellas1@terra.com.br

⁴ Doutor e professor da Universidade de São Paulo e da Universidade Paris 8 - ldelajon@usp.br

Apesar de surgir no contexto científico do século XIX, a psicanálise sempre se apresentou como uma ousada proposta à comunidade científica, uma vez que se debruça sobre um objeto impossível de ser investigado por meio dos rígidos procedimentos metodológicos, o inconsciente. Diante disso, viu-se obrigada a criar um método próprio de clínica e toda uma teoria que embasasse a prática. Podemos dizer que sua teoria é fruto da experiência clínica.

Consideramos que o surgimento da psicanálise é marco zero de uma epistemologia que se anuncia fundante naquele momento da história da ciência. Segundo o próprio Freud (2010), a sua invenção do inconsciente configurou-se como a terceira afronta que sofreu o nosso narcisismo. A primeira seria de caráter cosmológico a partir do que ele chamou de “a grande descoberta de Copérnico”, quando a humanidade se defronta com sua “ilusão narcísica” de habitar o centro do universo enquanto os astros moviam-se constantemente ao seu redor. Mesmo sabendo da existência dessas discussões séculos antes com os estoicos ainda na Antiguidade, Freud atribuiu ao astrônomo quinhentista a autoria dessa primeira ferida no amor-próprio humano.

A segunda acaba por desconstruir a ideia de sermos seres únicos e distintos dos outros animais. Afim de atender a esse amor-próprio, logo se providenciou a imortalidade da alma e um Pai onipotente, onisciente e onipresente. Freud considera ser “digno de nota que tal presunção ainda seja desconhecida do bebê, assim como do homem primitivo e primevo.” (p. 246), trata-se, pois, de uma criação cultural que se manifesta no sujeito adulto. Assim, ele afirma que os resultados das pesquisas de Darwin provocaram uma afronta biológica ao nosso narcisismo.

De natureza psicológica, a terceira afronta à imagem humana surgiu com a invenção freudiana do inconsciente. De acordo com tal perspectiva, o ser humano não seria dono de suas ações, pois haveria uma energia pulsional de origem sexual, conhecida como libido, a qual se busca a descarga por meio da satisfação, porém sem nunca conseguir completamente. Assim o homem deixou de ser pura razão, como anunciara, por exemplo,

Descartes e passou a ter de lidar com a ideia de ser manejado por conteúdos inconscientes. Com essa afirmação, Freud então acaba por posicionar a psicanálise ao lado de dois ramos da ciência: a astronomia e a biologia.

Não é novidade que, desde o início, a inclusão da psicanálise no círculo científico como um ramo da ciência sempre foi uma preocupação de Freud, em seu entender, a psicanálise somente teria futuro se alcançasse reconhecimento da comunidade científica.

Faz-nos lembrar Althusser (1985, p. 55) que, em diferentes momentos de sua obra, Freud reivindicou a cientificidade da psicanálise comparando-a à física nascida com os estudos de Galileu. Freud repetiu ainda que a prática e a técnica analítica só poderiam ser autênticas uma vez fundada sobre bases científicas a partir de teoria e métodos rigorosos.

Vale ressaltar, todavia, que o criador do inconsciente considerava sua invenção uma “ciência especial”, por tratar de um objeto bastante enigmático e por apresentar um método totalmente singular. Como observa Milner (1996), na psicanálise é possível encontrar uma densa teoria da ciência nem um pouco trivial. Ao contrário de Freud, Lacan não acreditava que a psicanálise deveria perseguir esse modelo de ciência baseado em critérios exteriores, pois “ela estrutura de maneira interna a própria matéria de seu objeto” (p. 31).

Ao propor um retorno a Freud, Lacan o fez conferindo-lhe caráter científico, considerando-a uma nova ciência, com um objeto próprio: o inconsciente. Como diz Althusser, comentando a empresa lacaniana, “se a Psicanálise é verdadeiramente uma ciência de um objeto próprio, ela é também uma ciência segundo a estrutura de toda ciência: possuindo uma *teoria* e uma *técnica* (método) que permitem o conhecimento e a transformação de seu objeto em uma *prática* específica.” Coadunamos com essa perspectiva e acrescentamos ainda que a psicanálise apresenta uma epistemologia, a qual Lacan ocupou-se em investiga-la.

Ao postular o objeto de investigação da psicanálise (o inconsciente) como efeito de linguagem, Lacan (1998), vai centrar-se na impossibilidade inerente ao significante de dar

conta do real. Isso implica em uma ruptura epistemológica (Bachelard, 1996) com relação ao científico moderno. Dessa forma, acreditamos que existe, na letra de Lacan, um projeto epistemológico para a psicanálise em que o impossível e a falha são elementos fundantes. Assim, esta pesquisa aponta para a centralidade da ideia de impossível e de falha tanto na gênese da epistemologia lacaniana como por toda sua construção teórica.

O paradigma dominante de cientificidade apoia-se no estatuto da razão como dispositivo de verdade. Partindo da noção cogito cartesiano e a partir de uma torção feita no sujeito da ciência, Lacan, em sentido oposto feito por Descartes, desloca a sua epistemologia do eixo da certeza para o da dúvida. A falta, no âmbito da ciência, permite movimentação das peças no tabuleiro e a formação de novos arranjos e conhecimentos. Julgamos, ainda, que a completude é da ordem do impossível e o todo é próprio da ilusão. Dessa forma, somos conscientes de que, por mais vezes, de diferentes maneiras, que interroguemos o objeto de pesquisa, dele restará sempre algo impossível de dizer.

Buscamos situar nossa pesquisa no contexto da contemporaneidade epistemológica como um contraponto ao fazer científico de matriz moderna. Lacan (1998, p. 871) considera que, “ao contrário do que se inventa sobre o pretenso rompimento de Freud com o cientificismo de sua época” o criador da psicanálise foi conduzido pelas ciências “a abrir a via que para sempre levará seu nome.”

O psicanalista francês especifica que o sujeito da psicanálise é um correlato invertido da ciência, pois, por mais que essa esforce-se para forcluí-lo de seus domínios, esse empreendimento fadado ao insucesso contínuo faz do sujeito do inconsciente um impossível. Considerando a verdade do lado do inconsciente, portanto, semi-sabida e não do pensamento consciente, pois este se configuraria como um procedimento de racionalização, ou seja, de camuflagem. Assim Lacan (1998, p. 879), na contramão do racionalismo cartesiano, subverte: “penso onde não sou, logo, sou onde não penso”. Aqui tomaremos esse aforismo lacaniano como ponto fundante para uma epistemologia

calcada na dúvida e que considere o impossível como elemento desvelador da verdade semi-sabida.

Em diversos momentos de sua teoria, Lacan se debruça acerca do impossível. Ao qual ele atribui a dimensão do real. Por exemplo, no seminário de 10 de junho de 1970, Lacan (1992, p. 175) afirma que “o impossível é o real”.

Freud, por sua vez, já considerava a dimensão do impossível e do irreduzível no inconsciente. Assim, a psicanálise introduz a dimensão do símbolo, por meio daquilo que se encontra sempre fora dela.

Nesse sentido, o real é sempre o que permanece ausente, de que, para sempre, estamos privados. Como afirma Forbes (2005, p. 101-102)

O Real pode ser percebido como algo duro, impossível de ser captado por qualquer instrumento da realidade ou da virtualidade – palavra ou imagem - o que faz com que todos estejamos um pouco fora do caminho. Há uma pedra que nos desvia. A ninguém é dado o direito à certeza de sua percepção. Se delirar, etimologicamente, quer dizer, “sair do caminho”, todos deliramos.

Nesse sentido, o avanço científico é entendido como resultado de uma repetição. Essas acontecem nas constantes tentativas de apropriação toda do objeto e, na medida que isso não se alcança, seguem-se frustrações. A angústia permanente advinda de sucessivas tentativas/frustrações produz tensão necessária para, outra vez, se criar cientificamente.

Com isso, buscamos analisar a psicanálise como uma epistemologia que se caracteriza pela dimensão do impossível de do erro que dele advém. uma vez que o símbolo, por suas características de representação, sempre se equivoca na tentativa de apreensão da verdade. Assim, ao afirmamos que somos seres simbólicos, estamos dizendo que, ao criar conhecimento sobre o mundo, erramos.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

FORBES, Jorge *et al.* *A invenção do futuro: Um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade*, São Paulo: Ed. Manole, 2005.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade da Psicanálise. In: *Obras completas*. Volume 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

MILNER, J-C. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.